

FRANKLIN W. DIXON

OS IRMÃOS HARDY

OS AMIGOS
DESAPARECIDOS

Tradução de
SUSANA FERREIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2019

1. UMA MISSÃO EMOCIONANTE

— Joe, quando é que acabas isso para nos irmos embora? — O Frank Hardy irrompeu na garagem, onde o irmão estava a trabalhar numa elegante mota preta e prateada.

— Agora mesmo, se o motor pegar — respondeu o Joe, pousando uma chave inglesa. — Mas qual é a pressa? Só vamos encontrar-nos com o Chet e o Biff daqui a duas horas. — E olhou para o irmão, com uma expressão intrigada.

— O comandante Collig telefonou — explicou o Frank. — Não vais acreditar, mas ele tem um caso para nós.

— De certeza que ele não se referia ao pai? — perguntou o Joe.

O Fenton Hardy era um renomado detetive privado. Os dois filhos — o Frank, um rapaz moreno, de dezoito anos, e o Joe, que era louro e um ano mais novo — tinham aprendido com o pai a conduzir uma investigação e mostravam-se à altura da tarefa.

— Absoluta. Disse que, desta vez, queria os filhos do detetive... e depressa.

— Uau! — exclamou o Joe, radiante. — Que sorte! Férias de verão e um mistério para resolver!

Subiu para a mota e carregou no pedal de arranque. Um ronco encheu a garagem, e o Joe sorriu, satisfeito.

O Frank montara também na sua mota, do mesmo modelo que a do irmão, e arrancaram os dois, zoando sob o sol quente da manhã. Passados dez minutos, estacionavam junto à esquadra da Polícia de Bayport, no centro da cidade.

Foram saudados pelo sargento de serviço na receção.

— Olá, Frank! Olá, Joe! — E, apontando para o gabinete do superior, avisou: — O chefe está à vossa espera.

— Entrem, rapazes — chegou-lhes, através da porta aberta, o vozeirão do comandante Collig, um homem vigoroso, de meia-idade, com o cabelo grisalho-escuro. — Vou direto ao assunto. Passa-se algo de muito estranho naquele bairro de lata que fica no extremo da baía.

— Está a falar de Shantytown? — perguntou o Frank, referindo-se a um conjunto de barracas construídas em cima da praia, a norte de Bayport.

A estranha comunidade era maioritariamente composta por homens com empregos temporários ou sazonais — ou que simplesmente não trabalhavam.

O comandante Collig acenou com a cabeça.

— Parece que os tipos andam com o pavio curto e há rixas todas as noites. O dono das terras, que teve a generosidade de os deixar ficar, pediu-nos que investigássemos, mas terá de ser um trabalho infiltrado, porque aqueles vadios reconhecem qualquer agente da Polícia.

— E é aí que nós entramos — deduziu o Frank.

— Exato. Quero que vistam roupa velha, se despen-teiem um bocado e passem algum tempo em Shantytown, para tentarem descobrir o que anda a destabilizar a comunidade. Estão dispostos a isso?

— Claro que sim! — exclamou o Joe, sem hesitar. E, dirigindo-se ao Frank, acrescentou: — O Chet e o Biff só ficaram de aparecer na casa de barcos daqui a uma hora. Vamos dar uma vista de olhos a Shantytown.

— Obrigado, rapazes. Tomem cuidado — aconselhou o comandante Collig quando eles iam a sair.

Uma vez na rua, o Frank e o Joe conduziram as suas motas por entre o trânsito da Baixa, em direção à zona portuária de Bayport.

Deixando para trás o grande cais comercial, tomaram a marginal, passando por uma zona de marinas particulares e pela casa de barcos onde estava atracada a sua elegante lancha, o *Detetive*. Continuaram a contornar a margem esquerda da baía até à entrada do porto e, depois, viraram para norte, seguindo paralelos ao mar.

Não tardaram a avistar um aglomerado de barracas de madeira, espalhadas desordenadamente pelo vasto areal. Algumas não passavam de telheiros, mas outras tinham chaminés e janelas com vidros. Nos estendais, peças de roupa andrajosas esvoaçavam ao sabor da brisa. Uma espiral de fumo ascendia preguiçosamente de uma pequena fogueira ao redor da qual se encontravam três homens, a olhar para o vapor que saía de uma caçarola preta, suspensa, por cima das chamas, de um tripé.

Os rapazes estacionaram a alguma distância e ficaram a observar a cena.

— Parece tudo tranquilo — comentou o Joe.

— Muito dos moradores devem estar a trabalhar — referiu o Frank. — Lembra-te de que as zaragatas costumam ser à noite, quando se reúnem todos.

Depois de estudarem aquela cena pacata durante mais uns minutos, o Frank anunciou:

— Voltamos mais tarde.

Deram a volta e dirigiram-se à zona onde ficavam as marinas privadas, na periferia de Bayport. Lanchas pintadas de cores vibrantes e veleiros com mastros esguios flutuavam amarrados às boias de atracação.

— O Chet já chegou — disse o Joe, vendo um calhambeque amarelo estacionado em frente à casa de barcos.

Os dois irmãos pararam ao lado do carro do amigo, o famoso *Queen*. Nesse momento, da pequena porta lateral da casa de barcos, saiu um rapaz espadaúdo. Trazia na mão uma das cópias da chave que os Hardys tinham dado aos amigos mais próximos.

— Olá, Biff! — cumprimentou o Frank. — Onde é que está o Chet?

O Biff Hooper piscou-lhe o olho e, falando demasiado alto, limitou-se a dizer:

— Bom... eh... vão vê-lo daqui a nada.

— O que é que se passa? — sussurrou o Joe.

O Biff encolheu os ombros, sem desmanchar o sorriso. Os Hardys perceberam que os amigos estavam a tramar alguma!

— Já abriste a porta para a baía? — perguntou o Frank, em voz baixa.

O Biff confirmou com aceno de cabeça.

— E desamarrei o *Detective*.

O Frank continuou a conversar com o Biff, num tom normal, fazendo ao mesmo tempo sinal ao irmão para que se aproximasse, em bicos de pés, da porta de saída do barco.

O Joe riu-se em surdina, pegou numa vara de bambu que estava encostada à casa de barcos e, esgueirando-se pelo passadiço até à parte da frente, espreitou lá para dentro. Depois, levantou a cabeça.

Encolhendo-se entre as vigas e o teto estava o rechonchudo Chet Morton! Olhava na direção contrária, vigiando a porta pequena.

Silenciosamente, o Joe puxou o barco com a vara de bambu, desimpedindo a água por baixo do Chet, e depois usou-a para espicaçar o amigo, na brincadeira.

— Au! — berrou o Chet.

Seguiu-se um temendo chapão, acompanhado de um repuxo de água que inundou a casa de barcos. Quando o Frank e o Biff entraram a correr, estava o Chet a vir à tona.

— O que estás a fazer dentro de água? — perguntou-lhe o Frank, fingindo-se espantado.

— Como se não soubesses! Onde é que está o Joe?

— Aqui, parceiro — respondeu o Hardy mais novo.

— Bom, virou-se o feitiço contra o feiticeiro — admitiu desportivamente o Chet, enquanto o içavam de dentro de água. — Queria pregar-vos um susto. O Biff deu com a língua nos dentes, não foi?

— Claro que não! — riu-se o Biff. — Mas, se soubesse que a ideia era irmos a banhos, tinha trazido os meus calções!

O Chet deu uma gargalhada e começou a despir a camisa encharcada.

— Ainda bem que vesti os meus por baixo da roupa — disse.

Daí a uns minutos, a sua roupa estava a secar na popa do *Detetive*, enquanto a potente embarcação cortava suavemente as águas da baía Barmet, com o Joe ao volante. Os rapazes aproveitaram para comer as sanduíches que o Chet levava.

— Que tal se fôssemos acampar? — sugeriu o Biff. — Podia ser numa daquelas ilhotas ao largo da costa.

— Este barco leva muitas provisões — observou o Chet.

— Podíamos explorar a ilha do Eremita — continuou o Biff. — Ouvei dizer que o dono é um velhote que vive lá sozinho.

— Infelizmente, não vai dar — respondeu o Frank. — Temos um novo caso.

E contou-lhes rapidamente as novidades. O Biff soltou o assobio, mas o Chet não reagiu com tanto entusiasmo:

— Desde que vocês resolveram o mistério d'O *Tesouro da Torre*, as nossas vidas nunca mais foram as mesmas — resmungou.

— O Chet tinha esperança de que esse fosse o vosso primeiro e único caso — comentou o Biff, com um brilhinho no olhar.

— O último em que se meteram quase deu cabo de mim — queixou-se o Chet, referindo-se às suas aventuras com os Hardys enquanto deslindavam *O Segredo do Velho Moinho*. — Daqui em diante — declarou —, deixem-me fora de todos os mistérios!

Os amigos riram-se, sabendo o quanto o Chet odiava ficar de fora do que quer que fosse.

— Demasiado tarde — disse-lhe o Joe. — Estamos a caminho de Shantytown para darmos outra vista de olhos.

Por aquela altura, a veloz lancha já se encontrava ao largo da vasta baía, enfrentando agora o mar agitado, cuja tonalidade verde se ia transformando em cinzento-chumbo. Ao longe, os rapazes viram um aglomerado de velas brancas, empoladas pelo vento.

— É uma regata — comentou o Biff.

— Ei! Cuidado! — gritou o Frank.

Um casco negro navegava direito à popa do *Detetive*, separando as águas em cortinas de crista espumosa.

O Frank desatou a berrar e a esbracejar freneticamente.

— Desvia-te, Joe!

O barco, porém, continuava direito a eles. No último instante, guinou, lançando uma volumosa chapada de água para o interior do *Detetive*. Por momentos, os dois barcos aceleraram lado a lado. Na proa da estranha embarcação lia-se o nome: *Black Cat*.

— Afastem-se! — berrou o Frank, furioso.

O piloto ignorou o aviso. Era um sujeito moreno, de cabelo preto penteado para trás. Ao seu lado ia sentando um homenzarrão careca.

Puxando ao máximo pelo motor do *Detetive*, o Joe acelerou e desviou-se para a direita. Os rapazes respiraram fundo quando viram o barco preto ficar para trás.

Quando voltou a olhar para a frente, o Joe susteve a respiração, horrorizado: estava no meio da regata!

— Agarrem-se! — gritou, guinando o volante para a esquerda. — Vamos chocar!